

Rastros da fé em “Igreja de Graça” e “Pastor Ramires responde”, de Andréia Delmaschio

Faith traces in Andréia Delmaschio’s “Igreja de Graça” and “Pastor Ramires responde”

Jenaffer Paula Silva Melo*
Rodrigo dos Santos Dantas da Silva*

Senhor, eu não vos entendo:
vossos preceitos são graves,
vossos juízos são fundos,
vossa ideia inescrutável.
Eu confuso neste caso,
entre tais perplexidades
de salvar-me ou de perder-me,
só sei que importa salvar-me.

Gregório de Matos

Pimeiras considerações

Andréia Delmaschio é doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também é professora titular do Instituto

* Licencianda em Letras-Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vitória (Ifes).

* Mestre em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vitória (Ifes).

Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo, lecionando nos cursos superiores e no Ensino Médio. A autora já publicou os livros de contos *Mortos vivos* (2008) e *Aboio de fantasmas* (2014), a biografia *Renato Pacheco* (2007), o de crônicas em *Tem uma lua na minha janela* (2015), e também literatura infanto-juvenil, *Nas águas de Lia* (2018); além de contribuições no que se diz respeito à crítica literária, como *Nomes para viagem: Renato Pacheco, vida e obra* (2002), e *Ensaio de literatura brasileira contemporânea* (2018).

Lançado em 2008, pela Secult-ES, o livro de contos *Mortos vivos* apresenta as angústias e paradoxos do cotidiano. O título faz a junção de dois vocábulos que exprimem condições absolutas: morte e vida. Delmaschio embaralha os sentidos e as ideias absolutas aos poucos se fragmentam em pedaços. Em “O boneco da caixa de surpresas” e “Uma nova mulher”, a contista indaga sobre os limites do consumo e da tecnologia na busca pela aparência ideal. Em “Igreja de Graça” e “Pastor Ramires responde”, objetos de análise deste artigo, o universo religioso e suas contradições são explorados.

Em “Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”, Karl Marx afirma que a religião “é o ópio do povo¹” (2010, p. 145). Naquela época o ópio era utilizado de forma medicinal como calmante para dores e como soporífero. Essa analogia, um tanto irônica, sugere que assim como o ópio, a religião age como um anestésico permitindo que os indivíduos suportem as opressões e injustiças sofridas neste mundo. O parágrafo em que está contida essa afirmação nos revela ainda a contradição existente na religião:

A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito

¹ Em “Marx e Engels como sociólogos da religião”, publicado em 1998, Michael Löwy afirma que essa ideia já circulava “[...] antes de Marx, em Kant, Herder, Feuerbach, Bruno Bauer e muitos outros”. Como exemplo, cita Moses Hess, que “em ensaios publicados na Suíça em 1843, assume uma posição mais crítica, embora não isenta de ambiguidade: A religião pode tornar suportável [...] a consciência infeliz da servidão [...] assim como o ópio é muito útil nas enfermidades dolorosas” (p. 157).

de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo. (MARX, 2010, p. 145).

Segundo Löwy (1998), essa análise da religião feita por Marx “era ‘pré-marxista’, sem referência às classes sociais e um tanto a-histórica – não menos dialética, contudo, pois apreendia o caráter contraditório da ‘angústia’ religiosa [...]” (p. 158). A crítica de Marx aponta que o caráter dialético da religião está no fato de que ela pode tanto legitimar a opressão, quanto pode atuar contra esta. Legitimando, ela esvazia de sentido a existência humana nesse mundo, fazendo com que o indivíduo projete sua vida para um mundo ficcional. Esse aparece na promessa de vida em um paraíso ou no Reino dos Céus². Desse modo, a religião cumpre uma função social consolando os pobres com a promessa de uma nova vida sem sofrimento em um novo lugar. Ao afirmar, em 1844, que “a crítica da religião, é, pois, em *germe*, a crítica do vale de lágrimas, cuja *auréola* é a religião” (2010, p. 146), podemos entender que é preciso combater as causas que originam a religião, ou seja, a sociedade capitalista³. Löwy aponta que somente em 1846, com a publicação de *A ideologia alemã*, é que Marx aplicará o método materialista para analisar a religião:

O elemento central deste novo método de análise dos fatos religiosos é considerá-los – em conjunto com o direito, a moral, a metafísica, as ideias políticas, etc. – uma das múltiplas formas da ideologia, ou seja, da produção espiritual de um povo, a produção de ideias, representações e formas de consciência, necessariamente condicionadas pela produção material e pelas relações sociais correspondentes (1998, p. 158).

² São vários os versículos bíblicos que tratam do Reino dos Céus, destacamos aqui 2 Timóteo 4:18 que diz “O Senhor me livrará de toda obra iníqua e [me] salvará para o seu reino celestial” (BÍBLIA, 1986, p. 1489). No cristianismo, há a ideia de que este mundo é comandado pelo inimigo espiritual e por isso todas as misérias sofridas pelos indivíduos são culpa dele. Desta forma, a única maneira de viver uma vida digna é em um mundo governado por Deus e para alcançar essa benção é preciso que os indivíduos obedeçam aos mandamentos do Senhor.

³ Löwy (1998) considera que “a principal contribuição de Marx à sociologia da religião foi a de que esta, a religião, era simplesmente uma das formas da ‘produção espiritual’, cuja história não pode ser desvinculada do desenvolvimento econômico e social global da sociedade” (p. 161). Além disso, afirma que Marx se interessou particularmente pelo protestantismo e sua relação com a ascensão capitalista. Diferente de Engels, cuja “principal contribuição à sociologia marxista das religiões, sem dúvida, é sua análise da relação entre as representações religiosas e as classes sociais” (p. 161).

Desta forma, percebe-se que o problema não é a religião. Rosa Luxemburgo (1905) afirma que os trabalhadores não devem atacar a crença religiosa e sim “[...] lutar contra os inimigos dos seus direitos e da sua libertação” (LUXEMBURGO, 2003). É o fundamentalismo religioso praticado por alguns dirigentes religiosos que colabora no controle da classe trabalhadora servindo à exploração da classe dominante.

No Brasil, em pesquisa feita pelo Datafolha (2019), 88,3% dos brasileiros têm uma religião, e dentre esses, 31% são evangélicos. Além disso, um levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas (2021), aponta que 12,8 % da população brasileira vivem abaixo da linha de pobreza, o que corresponde a 27 milhões de pessoas. Qual a relação entre esses dois fenômenos? Marginalizados pelo Estado, os indivíduos pobres acabam encontrando consolo e ascensão social na religião através de uma rede de apoio. Utilizando lemas como “Pare de sofrer”, a igreja oferece tudo aquilo que o Estado nega à população: emprego, saúde, qualificação e o mais importante de tudo: inclusão social. De marginalizado, o indivíduo passa a pertencer a um grupo social onde a sua existência é humanizada.

A ascensão social alcançada na religião está relacionada à ideia de prosperidade. Isso porque a pobreza e o fracasso são atrelados à falta de fé, sendo necessários a oração e o dízimo, “É por isso que vos digo: Todas as coisas pelas quais orais e que pedis, tende fé que praticamente já [as] recebestes, e as tereis” (Mc 11, 24). Segundo o presidente da Abrepe (Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos), o mercado gospel movimenta aproximadamente R\$ 21,5 bilhões de reais por ano com a “cristianização” da música, da literatura, do esporte, entre outros (NOTÍCIAS, 2018). Dessa maneira, a fé torna-se um produto, sendo utilizada tanto na evangelização quanto na arrecadação de recursos. Imerso na lógica religiosa, o sofrimento proveniente da organização sociopolítica econômica da sociedade passa a ser relacionado ao inimigo

espiritual, eliminando assim qualquer possibilidade de rompimento com a exploração da sociedade capitalista.

A relação entre as estruturas sociais brasileiras correlacionadas às práticas religiosas além de embater contra a ciência e a história, o faz isso embasada no comércio – destacam-se os casos do pastor Valdemiro Santiago que vendia aos fiéis feijões “mágicos” e do missionário R. R. Soares que anunciava em seu programa de TV uma “água consagrada”, em que ambos os “produtos” prometiam curar a Covid-19, esses são só alguns exemplos. Ademais, discursos religiosos distorcidos são constantemente utilizados pela bancada política brasileira, em especial a evangélica, como slogan do atual presidente: “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”.

Não se pretende no artigo em tela ridicularizar ou questionar as práticas religiosas, como a oferta do dízimo. Defende-se aqui que a concretização da palavra só é possível em uma materialidade histórica real (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2018, p. 192), e visa-se se discutir por meio da análise dos contos de Delmaschio, como as igrejas neopentecostais espetacularizam a fé em nome de Deus. Dessa maneira, as análises apontamentos aqui presentes do contexto narrativo dos contos de Delmaschio mostram como na contemporaneidade alguns movimentos religiosos neopentecostais subverte as classes mais pobres em uma configuração capitalista de extorsão financeira de seus fiéis.

É a partir dessas perspectivas, que na seção a seguir se pretende discorrer sobre o conto “Igreja de Graça”. Entende-se que a espetacularização da fé por meio do discurso religioso é resultante da indústria cultural capitalista dos grupos, geralmente neopentecostais, configurando-se em um verdadeiro empreendedorismo, uma vez que os dirigentes religiosos fazem uso de orientações e até de testemunhos de fiéis para alcançarem mais “consumidores” que tentam se alinhar perante Deus, Cristo ou à igreja: as religiões quase que

são onipresentes e o espetáculo da fé “[...] é a subversão perversa do capitalismo, que desumaniza o sujeito à aparência” (OLIVEIRA, 2017, p. 94).

O capitalismo entre a espetacularização e a fé

O conto “Igreja de Graça” de Andréia Delmaschio, é inspirado nos programas evangélicos televisionados. Por meio de um narrador observador, a narrativa expõe um espetáculo de fé na igreja que dá título à narrativa, onde o Pastor Ramires, “[...] um mero instrumento do Senhor” (DELMASCHIO, 2008, p. 71), mostra aos seus fiéis a importância do dízimo para a sua saída da miséria. Delmaschio propõe um olhar crítico acerca do capitalismo vigente no discurso de grupos religiosos já no título: a locução substantiva “de Graça” designa não só o local onde se recebe a graça divina, como também sugere um local onde não se cobra um valor para frequentar. De forma sutil, produz-se a ironia, já que o dízimo além de ser um dever para com Deus para o alcance das bênçãos (as graças), este é o preço pelo qual os fiéis pagam para obter a prosperidade – suscita-se como se fosse uma ratificação do compromisso deles com Cristo, “[...], pois Deus ama o dador animado” (2 Cor 9, 7).

Os rastros da fé na narrativa são divididos em três atos: o primeiro, introdutório, que parece um Sermão, a Oração e o Testemunho. Alguns elementos escolhidos por Delmaschio dão a sensação de que estamos diante de um espetáculo. O culto tem início com a entrada do pastor “dançando ao som do ‘Forró de Sodoma’, primeiro lugar nas paradas gospel de todo o país” (DELMASCHIO, 2008, p. 60). Ele se dirige até o púlpito que está sob uma plataforma elevada, no centro do palco e com a projeção de uma imagem celestial ao fundo, que ajuda a criar a proximidade entre o pastor e Deus. Essa abordagem não tradicional das igrejas pentecostais alcança dois objetivos: o primeiro é a evangelização de forma lúdica, pois apesar do invólucro moderno, a letra inspirada na Escritura Sagrada

conserva a doutrina e a moral cristã⁴. Além disso, a autora faz uso de expressões e discursos presentes na esfera pentecostal para compor a personagem do dirigente religioso no momento de evangelização, como se observa em “Toda mesquinha, Senhor, retira agora” (DELMASCHIO, 2008, p. 64). É Deus que retira toda a mesquinha, o espírito da miséria – fazendo, dessa forma com que o telespectador se transforme em um associado, um patrocinador da igreja, pois “o dízimo não é um dinheiro que se doa à igreja, mas uma obrigação do fiel, assim como é obrigação andar conforme as leis divinas” (DELMASCHIO, 2008, p. 61). O segundo objetivo, e não menos importante, é a geração de renda no chamado mercado gospel:

Desta forma, a religião na mídia sente a necessidade de adaptar, ajustar seu conteúdo de crenças, doutrinas e valores aos moldes do *show-business*, negociando sua mensagem de salvação com os padrões estéticos da mídia, que faz da mensagem da fé uma mercadoria, comercializada no mercado cultural de entretenimento (OLIVEIRA, 2017, p. 92).

Nas igrejas neopentecostais, o pastor é o indivíduo que recebeu o chamado de Deus, e, por isso, é o responsável por transmitir a palavra e os ensinamentos cristãos aos fiéis. Na bíblia há várias passagens que mencionam os pastores como obreiros escolhidos por Deus e ofertados ao povo: “E vou dar-vos pastores de acordo com o meu coração, e eles hão de alimentar-vos com conhecimento e perspicácia” (Jr 3, 15). Delmaschio expõe essa concepção por meio de uma fala do pastor Ramires: “[...] Não é uma tarefa fácil, essa para qual nós fomos designados, devido ao nosso dom” (DELMASCHIO, 2008, p. 61). Deste modo, obedecer às ordens do pastor é obedecer a Deus: “Sede obedientes aos que tomam a dianteira entre vós e sede submissos, pois vigiam sobre as vossas almas como quem há de prestar contas; para que façam isso com alegria e não com suspiros, porque isso vos seria prejudicial” (Hb 13, 17).

⁴ A letra de “Forró de Sodoma” conta a história presente no livro de Gênesis 19, 1-26.

O “Sermão da montanha”⁵ é um discurso de Jesus que contém orientações para uma vida feliz e as condutas da moral cristã. Assim, o sermão tem como principal função o avivamento da fé dos fiéis, uma espécie de lembrete dos pilares que constituem a religião. No conto, o Pastor Ramires escolheu como tema de seu sermão o dízimo “porque diz respeito a algo de que depende a nossa vida de todo dia, de todos nós” (DELMASCHIO, 2008, p. 60). Para Ramires, o pastor, o dízimo é ao mesmo tempo uma dádiva e uma obrigação. Isso se configura como um paradoxo, já que se você oferta algo de forma obrigatória, naturalmente ela deixa de ser um ato espontâneo. Porém, para o pastor Ramires o verdadeiro cristão é aquele que entende e aceita a condição paradoxal do dízimo:

Meus irmãos, o dízimo não é um dinheiro que se doa à Igreja, mas uma obrigação do fiel, assim como é obrigação andar conforme as leis divinas. Por isso é que não se diz que se deu, mas sim que se devolveu o dízimo. O dízimo mensal é a devolução de uma parte daquilo que o Senhor concedeu a nós e a nossa família para que sobrevivêssemos naquele período de tempo. Agora, se Deus o convida e você não atende, quem está perdendo é você, você já está atrasado (DELMASCHIO, 2008, p. 61-62).

A ideia de Deus como provedor é uma das justificativas para a existência do dízimo, ou seja, em uma sociedade marcada pela pobreza e desigualdade, qualquer ganho positivo é atribuído à força divina. Essa lógica é exposta pelo pastor Ramires em seu sermão:

Quando nós falamos aqui em primícias, estamos nos referindo ao modo certo de devolver o dízimo. [...] Quer dizer que assim que nós recebemos de Deus os nossos proventos, ou seja, o salário mensal, a primeira coisa que temos de fazer é devolver a parte dele. A obrigação maior de um fiel é com ele, as outras todas são secundárias. [...] Não fique aflito, esteja certo que Deus proverá (DELMASCHIO, 2008, p. 62).

Se o sujeito conseguiu um emprego, trocou de carro, comprou uma casa, todos esses ganhos só foram possíveis pela graça divina. O que fica subentendido é que existe uma condição para a prosperidade. Se Deus ajuda quem contribui com a obra religiosa através do dízimo, quem não o faz está perdido, ou melhor, as

⁵ Conferir a passagem do “Sermão da montanha” no livro de Mateus 5–7.

mazelas enfrentadas pelo indivíduo são responsabilidade dele que não aceitou o chamado de Deus. Isso está relacionado com o afastamento do indivíduo da realidade, pois ao atribuir à organização socioeconômica a vontade de Deus é como se o dízimo fosse uma forma de devolver ao Senhor as bênçãos alcançadas. E para aqueles que se revoltam com a fala do dirigente religioso, ele propõe, culpabilizando esse sujeito, um questionamento: “[...] o espírito da miséria te dominou?” (DELMASCHIO, 2008, p. 69) – percebe-se que para legitimar o discurso da personagem, a autora faz uso de termos presentes nos espetáculos de fé neopentecostais.

No momento de oração, que ocorre posteriormente ao sermão, podemos observar a espetacularização da fé, a qual é executada com a ajuda de equipamentos tecnológicos. No primeiro momento, o pastor se dirige ao Senhor pedindo para que toda a miséria seja eliminada: “Toda mesquinharia, Senhor, retira agora. Arranca deste salão o espectro do desemprego, a pobreza, a ganância e o egoísmo” (DELMASCHIO, 2008, p. 64). Em seguida, com o auxílio de recursos tecnológicos fixados em seu terno, o pastor simula uma batalha contra o mal:

Ramires aperta no peito um botão que faz as últimas sílabas vibrarem metálicas, ecoando no ar. Aperta-o de novo e volta ao tom normal: Meu Deus, retira dessas almas o temor do encontro com o poder tremendo da tua palavra.

Agora eu me dirijo a vocês, espíritos mesquinhos que querem se apoderar do meu rebanho. Saiam agora. Aperta de novo o botão: Eu exijo. Eu ordeno. [...] Em o nome do Senhor nosso Deus. Fora, tentação, satanás, nome sujo, onzena, pancrácio, [...] belzebu, grão-tinhoso, porco-sujo. [...]

Um outro botão aciona agora uma luz violeta que surge num dos cantos do salão e voa rápida sobre as cabeças, resvala no Pastor Ramires e desaparece por uma fresta escura situada no fundo do palco. Em close vêem-se olhos arregalados ante a aparição (DELMASCHIO, 2008, p. 64-65).

Os elementos tecnológicos utilizados pelo pastor no momento da oração têm a função dupla de enaltecer a sua figura e amedrontar os fiéis. A modulação de

voz cria a ilusão de que o pastor, tomado pelo espírito santo, tem poder sobre o inimigo, fortalecendo o discurso da guerra espiritual.

A última parte do culto é destinada ao Testemunho, momento em que os fiéis partilham suas histórias de superação com os irmãos de fé. O pastor Ramires o inicia, afirmando que a oração cumpriu sua função de libertar as almas que estavam impedidas de servir a Deus. "A partir de agora eu declaro vocês todos libertos. Já tem gente curada aqui, que eu sinto" (DELMASCHIO, 2008, p. 66). Além de a oração do pastor estar intimamente ligada às questões financeiras (oram pelos que necessitam de auxílio material, pede que o espírito de miséria se afaste da igreja, que os contratos vencidos "se quebrem"), os testemunhos dos fiéis reforçam a ideia de que através do dízimo seus problemas e sofrimentos serão aniquilados: os testemunhos de fiéis que ascenderam financeiramente a partir dessa oferta ao Senhor. Nesse ponto, percebe-se como a religião funciona de uma forma ambivalente, no sentido de machucar e curar. A doutrina cristã fundamenta-se principalmente na ideia do pecado, ou seja, os indivíduos já nascem com uma dívida que precisa ser paga durante toda a vida. Deste modo, as injustiças sofridas neste mundo são associadas a esse pecado e a cura para o sofrimento está na religião, assim como a oração e o testemunho atuam como uma violência simbólica que promove sem coação física uma mudança psicológica no telespectador.

Ainda, dentre os vários testemunhos dos fiéis, o último conta a história de uma transformação de personalidade e de vida: o fiel inicia seu discurso dizendo que no passado sempre que ligava a TV e ouvia o pastor falando sobre "patrocinador, em dízimo, em primícias, em doação, em oferta" (DELMASCHIO, 2008, p. 68), ele tinha vontade de quebrar tudo. Quando o pastor aparecia "vendendo um livro por cinquenta, cem reais" (p. 68) ou quando "via alguém saindo de um shopping com umas sacolas, quando uma pessoa passava dirigindo um carro importado" (p. 68) ele sentia ódio e por isso era revoltado. Nesse momento do conto, percebemos aquilo que Marx indica como expressão da miséria real, já que no

estado revoltado, o homem percebia as contradições e injustiças que constituíam a sua realidade. A percepção de que ele não tinha acesso às coisas que os outros tinham o tornavam revoltado. Porém essa condição muda depois que ele assiste ao programa Show de Graça:

[...] quando eu cheguei no terminal da rodoviária, a televisão da barraca de pastel estava ligada no Show de Graça, o senhor sabe. Eu sentei num banco e fiquei escutando a pregação. Aí a palavra foi entrando dentro de mim igual se fosse água. Eram oito horas da noite e eu não tinha colocado nada na boca, ainda. Eu tinha fome, Pastor, mas até a fome passou naquela hora.

[...]

E o senhor estava explicando justamente a história do faminto, e eu fiquei prestando atenção na palavra e a palavra foi entrando. Quando acabou a oração e o Pastor disse – eu lembro como se fosse hoje – seja você também um patrocinador, naquela hora eu já não sentia mais raiva (DELMASCHIO, 2008, p. 68-69).

A água é um elemento que tem uma capacidade maleável, conseguindo penetrar e se adaptar em diversas áreas. Além disso, está ligada também a ideia de purificação, como ocorre na celebração do batismo cristão, que é o momento de aceitação da fé e eliminação das impurezas do mundo: “Jesus respondeu: ‘Eu te digo em toda a verdade: A menos que alguém nasça na água e espírito, não pode entrar no reino de Deus’” (Jo 3, 5). No conto, Delmaschio faz uma analogia entre a palavra e a água. Enquanto o pastor prega na televisão, semelhando um ritual de batismo, suas palavras realizam uma espécie de purificação, saciando a fome e eliminando a raiva do indivíduo. Observa-se que esse trecho expõe o poder persuasivo dos discursos religiosos que, ao encontrarem indivíduos fragilizados e oprimidos pela estrutura capitalista, oferecem a promessa de uma vida melhor em troca da aceitação da fé: “Quem crer e for batizado será salvo, mas o que não crer será condenado” (Mc 16, 16). Essa promessa é ancorada na ideia da salvação que afirma que a solução para os problemas materiais do mundo está na religião. Em certo momento, o pastor declara “Meu irmão, a solução para o seu sofrimento está em Jesus” (DELMASCHIO, 2008, p. 69). A palavra do pastor penetrou em seu corpo e transformou a raiva, ou seja, a partir daquele momento, o indivíduo teve sua percepção da realidade alterada.

Essa percepção se modifica não apenas com palavras, mas também com atos. Quando decidiu se tornar um “patrocinador”, o fiel foi até a igreja fazer o cadastro e “um dos missionários, que distribuía as fichas, já foi vendo a minha situação, sem eu dizer nada pra ele, e me indicou um serviço que eu estou nele até hoje, com a graça de Deus” (DELMASCHIO, 2008, p. 69). Esse tipo de ação nada tem a ver com o divino, mas sim com uma prática das igrejas que é oferecer suporte aos fiéis. Se o indivíduo não consegue um emprego ou está com problemas financeiros que não permitem que ele tenha acesso aos itens básicos de sobrevivência, é na igreja que ele encontra uma rede de amparo, que acaba ocupando o lugar que deveria ser do Estado. Em muitas situações, a dignidade do indivíduo é restaurada quando ele começa a frequentar os cultos e contribuir com a causa religiosa, ao pagar o dízimo, por exemplo. Isso de certa maneira, fortalece o discurso dos pastores e oferece um consolo ilusório como aparece marcado no conto “assim que você agir nessa contribuição, a partir de então os seus caminhos vão ser tão iluminados que nada mais vai lhe faltar” (DELMASCHIO, 2008, p. 62-63). O fiel finaliza o testemunho:

Fazia dois anos que minha mulher não sabia o que era cozinhar um pedaço de carne, Pastor, e meus filhos eram amarelos, magrinhos de fazer pena. Agora, graças a Deus, não me falta o de comer. É uma vida de pobre, mas muito abençoada, com a graça do Nosso Senhor Jesus Cristo. E eu não deixo faltar um mês o dízimo, o patrocínio e a oferta (DELMASCHIO, 2008, p. 71-72).

Nesse testemunho, Delmaschio joga com as ideias de alimentação espiritual e material. No início do relato, o fiel diz que não tinha o que comer e teve sua fome saciada durante o culto televisionado, o que demarca a alimentação espiritual. É essa que garantirá a alimentação material, já que ao aceitar a fé e contribuir com a causa religiosa, ele recebe as bênçãos de Deus, que no conto são representadas pelo emprego e a condição de poder alimentar sua família. No entanto, ele continua pobre, mas ainda assim não deixa de contribuir com a igreja. Acerca da aceitação da pobreza, em seu texto “O socialismo e as igrejas”, Rosa Luxemburgo diz que ao invés de oferecerem consolo e conforto aos fiéis,

os padres “[...] exortam-nos a suportar a pobreza e a opressão com humildade e paciência” (LUXEMBURGO, 2003). Envoltos no discurso da guerra espiritual e da busca pela prosperidade, os fiéis crendo que este mundo esteja condenado, comprometem-se com a fé para garantir a sua salvação e assim poder desfrutar de uma vida digna no mundo para além deste. Essa salvação depende do seu comprometimento com a fé e relaciona-se diretamente com a participação financeira na igreja, representada no conto pelo dízimo, pelo patrocínio e pela oferta. Note-se também que a crítica de Luxemburgo, assim como a de Marx, não é direcionada à religião, mas sim aos líderes que “transformaram a igreja e o púlpito num lugar de propaganda política” (LUXEMBURGO, 2003), iludindo e desencorajando os indivíduos a lutarem contra a exploração que sofrem das classes dominantes no sistema capitalista.

A seção seguinte analisa o conto “Pastor Ramires responde”, em que Delmaschio desdobra elementos do conto “Igreja de Graça”, aproveitando tema e personagens para tecer, ironicamente, a espetacularização da fé oriunda das igrejas neopentecostais em programas televisivos.

Dízimo: pergunte que eu respondo

O conto “Pastor Ramires responde” narra o momento em que o pastor responde as dúvidas dos fiéis, no programa Show de Graça. Esses questionamentos têm uma sutil ironia que faz com que pensemos se são dúvidas de fato ou críticas disfarçadas de dúvidas. O tema das perguntas se concentra na temática do dízimo, e ali podemos observar o embate que os fiéis enfrentam ao terem de escolher entre cumprir o dever de contribuir financeiramente com a Igreja e sobreviver: um fiel diz que perdeu seu emprego ao ouvir o seu chamado para contribuir com o dízimo e questiona se a voz ouvida realmente era de Deus ou do inimigo. Ao responder a dúvida, o pastor afirma que “os ouvidos do homem são confusos” (DELMASCHIO, 2008, p. 73) e atribui essa dúvida ao chamado

religioso a uma possível influência do inimigo – percebe-se que o pastor não dá uma resposta plausível ao fiel.

Uma irmã, em Cristo, como são designados os frequentadores da igreja evangélica, separada e mãe de três filhos, se dirige ao pastor afirmando que sempre que chega o momento em que ela deve patrocinar, por influência do inimigo, ela começa a fazer cálculos e percebe que:

[...] o dinheiro do dízimo daria para comprar sessenta litros de leite [...]. O pai das crianças nunca me ajudou em nada e com o que eu ganho muitas vezes a gente passa necessidade. Pastor, eu já deixei de comer para dar de comer aos meus filhos. É normal acontecer isso? O inimigo sempre vai se levantar contra mim? Como eu faço para tirar essa ideia ruim da cabeça? (DELMASCHIO, 2008, p. 73).

O pastor responde imperativamente que a solução é a oração: “Ore, irmã. Ore muito” (DELMASCHIO, 2008, p. 73), porque está claro que o inimigo está tentando desviá-la do caminho de Deus. A condição de pobreza em que se encontra essa família não abala o pastor, que ao invés de conceder uma orientação para a transformação da realidade dessa mulher, que deveria procurar a justiça e exigir a pensão do pai de seus filhos, por exemplo, o dirigente religioso faz o contrário: ele se aproveita do desespero dessa mãe e lhe atribui uma culpa.

Outro fiel diz que após seis meses no emprego, ele finalmente conseguiu tirar uma parte do salário para o dízimo, porém ele tinha uma dúvida: “eu tenho que tirar também o valor dos meses anteriores, mesmo que seja aos poucos, ou se eu devo recomeçar e ser fiel a partir deste mês” (DELMASCHIO, 2008, p. 76). O pastor sugere que ele acrescente um tanto de dinheiro ao valor do dízimo todo mês até que o valor correspondente aos dízimos anteriores seja quitado. Fazendo isso o fiel tira “do inimigo toda a possibilidade de acusação, como também amplia a obra de Deus, que é custeada com os dízimos” (p. 76). Nota-se aqui que a resposta do pastor se fundamenta no discurso do pecado, da dívida e do inimigo. Coloca-se o fiel como um pecador e que por isso está em constante dívida com o Senhor: para alcançar a salvação e obter o direito de desfrutar de uma vida

digna, ele precisa obedecer aos desígnios de Deus. Um desses é o pagamento do dízimo, que é justificado no custeamento da obra divina. O pastor ainda acrescenta a figura do inimigo, tão temido dos fiéis, como um possível acusador, ou seja, aquele que denunciará os fiéis que sob sua influência desobedecem a Deus – comprometendo deste modo sua salvação.

Em seguida, um pai de família faz um questionamento ao pastor: pagar a pensão alimentícia da filha ou devolver o dízimo: “O que eu faço? Se eu não pagar a pensão, eu vou preso. [...] Deus entende isso? Por favor, me ajude, porque eu paguei a pensão e não devolvi o dízimo” (DELMASCHIO, 2008, p. 81). O pastor responde:

O seu salário é mensal, portanto você pode perfeitamente entregar o dízimo mensalmente. O importante é zelar para não defraudar o Senhor. Um dos maiores desafios que temos em nossos dias é aprender a viver com o que ganhamos, pois as tentações para estendermos o nosso ganho fazendo dívidas são extremamente abundantes, mas não passam de laço do inimigo para aquele que teme a Deus (DELMASCHIO, 2008, p. 81).

O uso do advérbio de modo “perfeitamente” confere um tom de reprovação na resposta do pastor, ou seja, ter um emprego significa ter a obrigação de realizar o pagamento do dízimo, ainda que isso prejudique o pagamento de itens básicos de sobrevivência como aluguel, água e luz, além da pensão alimentícia da filha. Assim como fez no Sermão, narrado no conto “Igreja de Graça”, o pastor orienta que os fiéis acertem primeiro as contas com Deus, destacando novamente a questão da dívida, e o que sobrar, ainda que pouco, tem que ser administrado sabiamente para que o fiel não passe dificuldades. Em outro momento do conto, um fiel pergunta se “[...] é correto os pastores receberem a comissão das ofertas e dízimos que a igreja arrecada?” (DELMASCHIO, 2008, p. 74), e o dirigente se esquivava dizendo que os obreiros e pastores são sustentados com o recebimento do dízimo dos dízimos e que a obra religiosa não se trata de vendas ou de produtividade. Além disso, vê-se que as justificativas do pastor sobre a oferta do dízimo por parte dos fiéis são endossadas por passagens bíblicas: “Segundo

Malaquias, não temos direito a administrá-lo [o dízimo], pois essa é a tarefa dos que cuidam da Casa do Senhor” (DELMASCHIO, 2008, p. 76-77).

Na construção do argumento do dirigente religioso, Delmaschio utiliza o livro bíblico de Malaquias, muito utilizado em cultos neopentecostais, que contém algumas orientações acerca do dízimo:

“[...] Trazei todas as décimas partes à casa do depósito para que venha a haver alimento na minha casa; e experimentai-me, por favor, neste respeito”, disse Jeová dos exércitos, “se eu não vos abrir as comportas dos céus e realmente despejar sobre vós uma benção até que não haja mais necessidade”. “E eu vou censurar por vós o devorador e ele não mais arruinará para vós o fruto do solo, nem se mostrará a videira no campo infrutífera para vós”, disse Jeová dos exércitos (Ml, 3, 10.11).

É com base nesses versículos que o discurso do pastor expõe aos fiéis presentes e aos telespectadores que o dízimo é uma dívida com Deus e que aqueles que desejam a salvação precisam quitar esse débito. A prática do pagamento do dízimo aparece em muitos versículos da bíblia, porém o que se pede como oferta são alimentos das colheitas e animais de rebanhos: “Deves impreterivelmente dar um décimo de todos os produtos da tua semente, daquele que ano após ano sai do campo” (Dt, 14, 22). Como explicitado em Malaquias, o dízimo seria uma espécie de prova de que o fiel vive de acordo com os desígnios de Deus.

O que encontramos no conto “Pastor Ramires responde” e em alguns cultos neopentecostais presenciais e televisionados é a centralidade do dinheiro no discurso religioso. Isso é explicitado na escolha do tema do culto no conto “Igreja de Graça”, e nas respostas do pastor que reforçam a ideia da dívida e da aceitação do sofrimento terreno. Rosa Luxemburgo diz que quando a Igreja cristã “se tornou uma religião de Estado” (LUXEMBURGO, 2003), o dízimo foi imposto para todos, porém os pobres, que não tinham posses, pagaram com o trabalho e “viram os padres aliarem-se com os seus outros exploradores: príncipes, nobres, agiotas” (2003). Nota-se que a igreja ao invés de oferecer consolo ou instrução para que os fiéis melhorem as condições de vida, acaba oprimindo

ainda mais os sujeitos que já são oprimidos pela classe dominante ao longo da história.

O último questionamento feito ao pastor durante a sessão de perguntas e respostas é de um visitante. Possivelmente por não pertencer àquela congregação cristã, ele não estava imerso no discurso proferido pelo pastor durante o culto, e por esse motivo, seu questionamento não foi em relação ao dízimo: “Pastor, a Bíblia diz que o próprio Cristo não permitiu isso! Por que na igreja se vende livro e DVD? Tirando o dízimo, as ofertas e os patrocinadores, o resto é puro comércio!” (DELMASCHIO, 2008, p. 81-82). Nota-se que antes de fazer o questionamento o visitante faz uma afirmação e cita a Bíblia para validar o seu argumento.

Ao responder à pergunta, o pastor explica que esse episódio ocorreu porque Jesus se revoltou contra “esse sistema sórdido” (DELMASCHIO, 2008, p. 82), em que os sacerdotes usavam a religião para explorar o povo simples. E encerra dizendo que na sua igreja era “bem diferente, pois livros e DVDs são distribuídos durante as reuniões como retribuição à oferta, sem que o valor da mesma, que é simbólico, seja levado em conta” (p. 82): a presença dos vocábulos “distribuídos”, “retribuição” e “simbólico” potencializa um efeito de sentido o qual compreender que o trabalho empregado na produção daqueles produtos seja desconsiderado, pois seu valor material é reduzido e, conseqüentemente, descaracteriza esse aspecto comercial na casa de Deus. Além disso, é irônico o pastor mencionar a revolta de Jesus contra a exploração, já que durante o Testemunho, narrado no conto “Igreja de Graça”, ele condena a atitude de revolta dos fiéis: “Meu irmão, a solução para o seu sofrimento está em Jesus. [...] Por que tanta revolta, meu irmão? Não é a revolta que vai lhe arranjar emprego” (DELMASCHIO, 2008, p. 69-70).

O último momento do Show de Graça é destinado ao patrocínio, e Delmaschio utiliza a ambivalência do vocábulo “patrocínio”, que pode designar um “auxílio”

ou um “apoio financeiro”, para expor a contradição existente entre comércio e fé em algumas conjunturas religiosas. Na comunidade neopentecostal há o pagamento de dízimo, que é obrigatório, e a contribuição em dinheiro através do patrocínio e da oferta. Essas são voluntárias e são incentivadas pelos dirigentes religiosos como um auxílio do fiel na obra religiosa. O momento da oferta é explicitado no conto em “Os missionários, em ternos pretos, circulam pelo salão distribuindo fichas. Muitos fiéis erguem a mão, solicitando-as” (DELMASCHIO, 2008, p. 82). Essas ofertas acontecem presencialmente e também de forma remota, já que os fiéis que assistem ao programa televisionado podem contribuir por meio de transferências bancárias e depósitos. Em seguida, o pastor anuncia os classificados do dia, que nada mais são do que os produtos da fé que contemplam vários setores: festivais de música, academia, editoras, spa e saúde mental. O anúncio de produtos e serviços se configura como um comércio. O proprietário paga ao veículo de comunicação um valor que varia de acordo com a duração do anúncio e o horário em que será exibido, aumentando o alcance de seu produto ou serviço, e, conseqüentemente suas vendas e lucro. Além disso, o pastor anuncia seu próprio livro “Saúde da alma, educação cristã e segurança divina [...]. Ligue agora. [...] O telefone é zero operadora onze quatro um um quatro um sete sete um” (DELMASCHIO, 2008, p. 83-84). Ironicamente no número de telefone há uma sutil menção ao artigo 171 do código penal, que trata sobre estelionato – segundo o Art. 171, localizado no capítulo VI do código penal, configura estelionato “Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento” (BRASIL, 1940).

Há outros patrocinadores que dão apoio financeiro à igreja presentes no conto “Pastor Ramires responde”. Delmaschio utiliza o jogo de palavras para apontar algumas contradições. Em “gravadora R S Rock Santo”, a junção em sequência dos vocábulos “Rock” e “Santo” produz um oxímoro: ainda que alguns gêneros musicais tenham sido cooptados pelo mercado gospel, culturalmente o gênero musical rock é comumente associado ao demônio. Já em “bingo Belém” há a

junção de um jogo e azar com a cidade onde se acredita que Jesus nasceu. Apesar de a bíblia não falar diretamente sobre essa prática, ela condena a ganância “Porque o amor ao dinheiro é raiz de toda sorte de coisas prejudiciais [...]” (1Tm, 6, 10) e o ganho desonesto de dinheiro “[...] aquele que se precipita para enriquecer não ficará inocente” (Pv, 28, 20). Em “clínica Lot de reprodução humana”, o vocábulo “lot”, em inglês, significa “muito”, e a pronúncia da palavra “lot” pode sugerir, em português, o vocábulo “lote”. A ironia se faz presente na ideia da reprodução, que é um dos ordenamentos de Deus “Sede fecundos e tornai-vos muitos, e enchei a terra [...]” (Gn, 1, 28), ser efetuada por meio de um procedimento científico, fertilização *in vitro*, ao invés da concepção biológica feita em uma união conjugal. O jogo de palavras proposto por Delmaschio aponta que a régua moral é mais rígida com os fiéis do que com o dinheiro recebido dos patrocinadores.

As representações do contexto religioso neopentecostal no jogo ficcional nesses contos de Delmaschio

As representações neopentecostais nas práticas religiosas de “Igreja de Graça” e “Pastor Ramires responde”, a partir da idealização do dinheiro, são muito semelhantes ao empreendedorismo cristão se comparadas aos movimentos desses grupos na TV e nas redes sociais digitais atualmente, que muitas vezes são norteadas por homens e mulheres bem vestidos que destoam de sua imagem com discursos tão simplórios (como o Pastor Ramires que imitava sotaque caipira) e repetitivos, a fim de envolver o fiel. Pela leitura desses contos pode se questionar quem são os sujeitos sociais que compõem os telespectadores do programa gospel: pessoas ingênuas ou alienadas, as quais podem estar passando por privações financeiras, as quais acreditam em que “[...] seus caminhos serão iluminados e que nada mais vai lhe faltar” (DELMASCHIO, 2008, p. 63) ao se associarem à igreja e a movimentarem com contribuições. Isso ocorre devido ao entorpecimento religioso que faz com que essas pessoas ignorem ou não

percebam as contradições da sociedade e também das organizações religiosas. Para Marx, “A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo” (2010, p. 146), mas o problema não está na crença religiosa, mas no uso da religião para controle da classe trabalhadora. Alguns dirigentes religiosos usam o discurso da fé para fazer com que os trabalhadores aceitem a sua condição miserável, desencorajando-os a lutarem contra a exploração imposta pela classe dominante. Acredita-se que uma produção literária pode se constituir por meio das representações sociais concretas que permeiam os espaços concretos de uma determinada realidade, pois o autor pontua as particularidades de suas personagens como manifestações daqueles que nos cercam em nossas vidas (BAKHTIN, 2011, p. 3); assim, nos contos de Delmaschio, o Pastor Ramires pode ser entendido como uma representação de dirigentes políticos participantes da indústria cultural capitalista religiosa, tais como Valdemiro Santiago, R. R. Soares, Edir Macedo, Silas Malafaia, Mariana Valadão, dentre outros. Para além da simples identificação com um objeto ou pessoa da realidade, o jogo ficcional excede a arte literária e possui um caráter responsivo, porque pretende instigar e expor, de forma elucidativa e complementar, ao leitor situações as quais constroem a sociedade (BAKHTIN, 2011).

Analisando os contos de Delmaschio, observa-se que eles se fazem nas relações capitalistas, em que os grupos religiosos se constituem e se mantêm, como quando a casa de Deus é feita de ambiente de comércio. Sabe-se que essas práticas – padrão de vestimentas, as formas de falar, o espetáculo diante do púlpito e a produção de livros, CDs e DVDs – promovem a visibilidade das igrejas neopentecostais; e estas, independente da fachada que usam, seguem um padrão de uma igreja-empresa (OLIVEIRA, 2017, p. 85).

Um conto, como qualquer outro gênero discursivo literário, é um gênero que está situado histórico e ideologicamente, que se faz na – pela sociedade e traz em si os traços cotidianos, culturais e axiológicos desta (BAKHTIN, 2011). Diante disso,

a partir das representações em voga e em diálogo com a contemporaneidade, percebemos que a igreja, a televisão e as redes sociais na internet se tornam espaços de dominação, inclusive por meio da linguagem: quando a autora diz que o Pastor Ramires inicia seu culto televisivo “imitando o sotaque caipira” (DELMASCHIO, 2008, p. 60).

Tratando-se da relação entre autora e personagens, é visto que Andréia Delmaschio, nos contos aqui analisados, nos ativa o contexto literário-material concreto, porque esses enredos não se esgotam somente no objeto de apreciação estética de um conto contemporâneo, pois a autora traz elementos lexicais e linguísticos presentes na esfera religiosa neopentecostal e dialoga com uma realidade, que é religiosa, mas não deixa de ser capitalista e opressora – sendo assim, Delmaschio dialoga com uma materialidade concreta para compor sua narrativa e personagens, pois “a obra de arte deve apalpar a realidade axiológica, a realidade de acontecimento da personagem” (BAKHTIN, 2011, p. 186), e isso a autora faz ao expor em suas escolhas literárias as relações de poder arquitetadas no movimento neopentecostal, em que os fiéis, oprimidos e desvairados pelos preceitos religiosos de seus dirigentes, se desdobram para alcançarem a prosperidade financeira e a salvação.

Amém?

Verifica-se, de acordo com a análise dos contos “Igreja de Graça” e “Pastor Ramires responde”, que autora representa literariamente a espetacularização da fé exposta nas narrativas como uma representação religiosa de um movimento neopentecostal na contemporaneidade, o qual potencializa um empreendedorismo religioso que se faz por meio do espetáculo televisivo e de discursos que justificam os valores monetários abusivos de ofertas, como o dízimo.

Ainda, compreende-se que a proximidade entre fé e capital propicia a continuidade de uma série de opressões e injustiças, as quais levam-se a perdurar no Brasil a miséria que faz os sujeitos buscarem o seu consolo e a ascensão social e financeira na Igreja; sem falar no sentimento de pertencimento desses sujeitos sociais, muitas vezes à margem da sociedade.

Nota-se que Delmaschio já no título do conto “Igreja de Graça” potencializa um olhar crítico ao alcance de graças pelos fiéis, que não é de forma gratuita, pois os valores que são condicionados pelos seus dirigentes para conseguirem sair de sua condição social inferior. A autora, ao se embasar em cultos televisionados e explicações acerca do pagamento do dízimo para produzir suas narrativas, traz à tona diversos dirigentes que vivem à custa da fé das pessoas, assim, ela tem um compromisso ético, pois se engaja e expõe de forma literária a historicidade de uma indústria gospel-capitalista: os próprios discursos proferidos pela personagem Pastor Ramires evidenciam estratégias para o recolher de doações financeiras dos membros da igreja por meio de uma pressão psicológica.

A espetacularização da fé em “Igreja de Graça” e “Pastor Ramires responde” é evidente nos discursos do dirigente religioso, mais concebidos na materialidade que na paz espiritual ao estruturar uma pregação a qual fala da importância do pagamento do dízimo como uma obrigação do fiel que, segundo esse homem de Deus, está em conformidade com as leis divinas. Ressalta-se que a espetacularização no discurso religioso também se faz no ato da oração e nos testemunhos dos fiéis.

A narrativa de “Pastor Ramires responde” se inicia com um questionamento de um dos fiéis: “Será que me enganei e a voz que ouvia não era de Deus, e sim do inimigo?” (DELMASCHIO, 2008, p. 72), pois este ouve o chamado de Deus para contribuir com a igreja e, logo após, perde seu emprego e não consegue outro. Nesse ponto, Delmaschio potencializa um raciocínio acerca do espetáculo embasado na fé e no consumo religioso, a partir da alienação oriunda de gestores

religiosos e dos discursos que estes profanam a fim de manterem a indústria do capital por meio da fé dos fiéis e em nome de Deus.

Além disso, a epígrafe presente em “Igreja de Graça” da escritora Hilda Hilst revela também uma crítica: “O mundo foi criado pelo demo. Muito mais lógico, não? Dá para entender tudo melhor” (DELMASCHIO, 2008, p. 60). Em todo o conto acompanha-se o discurso do pastor Ramires atribuindo todas as mazelas do mundo ao inimigo espiritual. Porém, a forma como profere sua fé, utilizando-se de artifícios tecnológicos para ludibriar os fiéis, e mesmo o tom coercitivo que assume em alguns momentos do culto, traz uma reflexão: esses comportamentos, na verdade, são dignos do demo, como aponta Hilst.

Os dois contos aqui analisados são produtos culturais oriundos de uma materialidade real, onde a autora nos ajuda a entender essa realidade concreta que nos envolve. Essas representações dos contextos religiosos, nos contos de Delmaschio, envoltas da espetacularização da fé e da indústria cultural capitalista, que muito se sustenta por meio do pagamento do dízimo e ofertas, não consolam os que estão socialmente fragilizados – e também não possuem esse objetivo. São discursos esvaziados e pressões sociais veladas, as quais são motivadoras da ampliação das igrejas-empresa por meio da fé e em nome de Deus. Amém.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich (Volochinov). *Marxismo e filosofia de linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência de Linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BÍBLIA. Português. Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CARTA EXPRESSA. R.R. Soares, que anunciava 'água consagrada', está internado com Covid-19. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/r-r-soares-que-anuncia-agua-consagrada-esta-internado-com-covid-19/>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

CNN. *População abaixo da linha da pobreza triplica e atinge 27 milhões de brasileiros*. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/04/08/populacao-abaixo-da-linha-da-pobreza-triplica-e-atinge-27-milhoes-de-brasileiros>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DELMASCHIO, Andréia. *Mortos vivos*. Vitória: Secult-ES, 2008.

G1 POLÍTICA. *50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

LÖWY, Michael. Marx e Engels como sociólogos da religião. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 43, p. 157-170, 1998.

LUXEMBURGO, Rosa. *O socialismo e as igrejas*, 1905. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1905/mes/igrejas.htm>>. Acesso em: 24 maio 2021.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

NOTÍCIAS gospel mais. *Mercado gospel movimenta R\$ 21,5 bilhões e gera 2 milhões de empregos*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/mercado-gospel-movimenta-r-215-bilhoes-95101.html>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

NOTÍCIAS UOL. *Justiça intima Saúde a fazer alerta sobre feijão de pastor que promete cura*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/01/05/pastor-vende-feijo-es-curam-covid-e-governo-e-obrigado-a-fazer-alerta.htm>>. Acesso em: 7 mar. 2021

OLIVEIRA, Priscilla Luciane Bastos. *A espetacularização da fé na Igreja Apostólica Plenitude do trono de Deus*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

RESUMO: Analisa a espetacularização da fé presente nos contos “Igreja de Graça” e “Pastor Ramires responde”, da obra *Mortos vivos* (2008), de Andréia Delmaschio. Os contos são inspirados, respectivamente, nos programas evangélicos televisionados e nos discursos que justificam o pagamento do dízimo. Potencializa um diálogo com os postulados de Marx (2010) e Luxemburgo (2003) acerca da religião e com as percepções de Oliveira (2017) sobre a indústria cultural capitalista oriunda de grupos religiosos, os quais promovem práticas de violência simbólica com seus fiéis e telespectadores. Na conclusão, demonstra que os contos analisados refletem uma cultura oriunda de uma materialidade religiosa, a qual vive financeiramente à custa da fé das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Conto brasileiro contemporâneo. Andréia Delmaschio – Contos. Conto brasileiro contemporâneo – Espírito Santo. Espetacularização da Fé – Tema literário.

ABSTRACT: The present work analyzes the spectacularization of faith present in the short stories “Igreja de Graça” and “Pastor Ramires responde” from the work *Mortos vivos* (2008) by Andréia Delamschio. The tales are inspired, respectively, by televised evangelical programs and speeches that justify the payment of tithing. It enhances a dialogue with the postulates of Marx (2010) and Luxemburg (2003) about religion and with the perceptions of Oliveira (2017) about the capitalist cultural industry coming from religious groups, which promote practices of symbolic violence with their faithful and viewers. In conclusion, it demonstrates that the analyzed short stories reflect a culture derived from a religious materiality, which lives financially at the expense of people’s faith.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Short story. Contemporary Brazilian Short Story – Espírito Santo. Andréia Delamschio – Short Story. Spectacularization of Faith – Literary Theme.

Recebido em: 8 de março de 2021.
Aprovado em: 22 de maio de 2021.